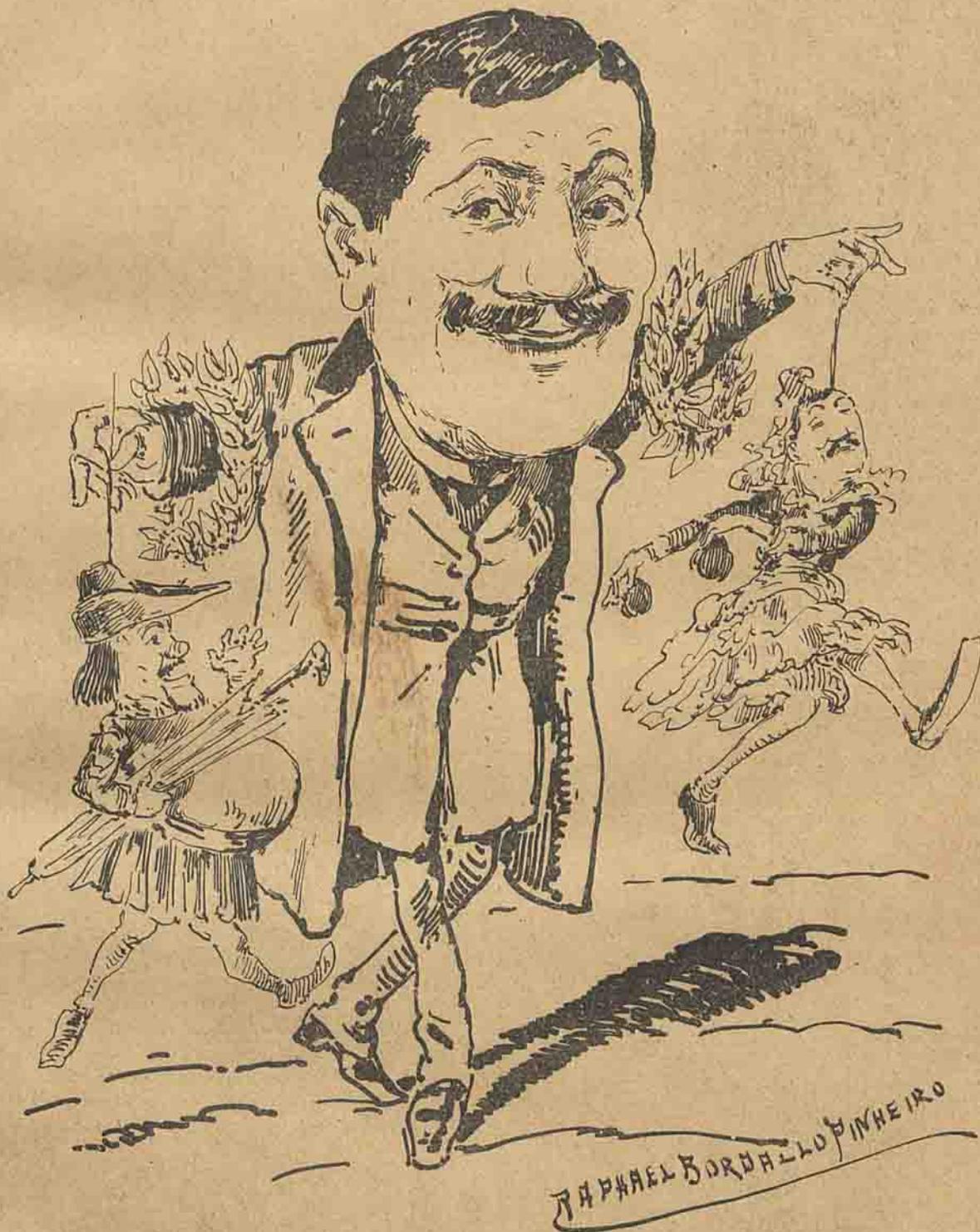


THEATRO DA TRINDADE

A FESTA DO AUGUSTO



Esta pagina, destinada a preceder-lhe a festa, serve agora para commemoral-a.

Augusto é um dos nossos actores mais estimados, já pelos seus dotes artisticos que são de muito me-
recimento, já pelas suas qualidades pessoais, que todos conhecem e apreciam.

Assim, a sua festa esteve animadissima e o *foyer* improvisado onde Augusto recebia os seus amigos
parecia pela concorrência uma succursal de S. Domingos na festa da alleluia.

D'aquí o felicitamos sinceramente, ao vel-o rodeado da consideração que elle merece.

DAS CALDAS

O conselheiro *Pim* continua a ser o rei das Caldas. Rei absoluto, como o sr. D. Miguel, de que só faltou porem-lhe o nome quando o levaram á pia.



Elle condemna, elle absolve, elle perdôa, elle premeia.

Quando chega a Paschoa, a epocha das Graças, é então que elle esparge a real munificencia pelos seus subditos obedientes.

A occasião para este acto é a procissão do Enterro. Os mais graduados abiscoitam as varas do pallio e



um ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.;



os immediatos vão ao andor e apanham um ex.^{mo} sr.;



os menos considerados levam as lanternas e um ill.^{mo} sr.

os anjinhos contentam-se com *bomecê*:



os que os trazem pela mão são tratados por *bocê*;



os musicos é tu;



e o resto dos mortaes não lhe merece nem um simples olhar!



Sr. barão de Viamonte, lance v. ex.^a sobre estes desherdados o olhar que o conselheiro lhes regateia. Um olhar misericordioso para este bom povo, em cuja alma candida e amavel só um innocente desejo se aninha: fazer ao conselheiro em pessoa o que era uso fazer-se

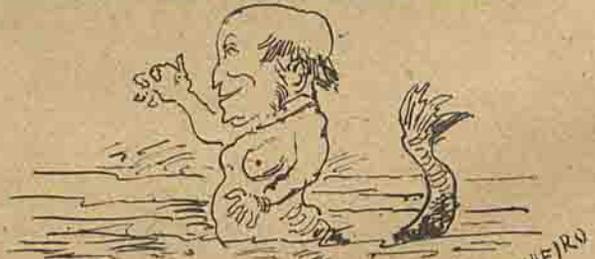


em estatua ao Judas no sabbado da alleluia...

Vontade não lhe falta... mas o terror contem-n'ol

Pim parece ter uma inquisição lá dentro...

Não se fie, sr. governador civil, nas cantatas d'esta sercia pellada que vive nas aguas das Caldas...



Olhe que elle é mausinho, é...

TI BORDALO PINHEIRO

EXPEDIENTE

A semana santa foi o diabo para os *Pontos nos II*.
Tivemos de deixal-a passar de todo para conseguirmos pôr o jornal na rua.

O pessoal enorme e variadissimo que trabalha na nossa folha esbandalhou-se, cada secção para seu lado, de forma que só depois de feita a Paschoa conseguimos trazel-o novamente ao cortiço do seu dever.

Agora era a redacção a visitar as egrejas, logo a typographia a correr os confeiteiros, em seguida a administração a assistir ao officio de trevas, depois a typographia a ouvir o sermão de lagrimas, mais tarde o distribuidor entretido na alleluia, um verdadeiro inferno por causa das egrejas.

O leitor que nos perdõe a devoção, na certeza de que esta falta se não repetirá — a não ser para a paschoa do anno que vem.



CHRONICA

E' aqui, n'este cantinho, que costumamos escarrapachar todas as semanas a relação do que os outros fazem, nós observamos e a chronica registra.

Pois d'esta vez a chronica não registrará coisa nenhuma porque nós nada observámos, embora os outros muito fizessem.

Olhem que isto de entrar o anno e sahir o anno sempre a dar fé das vidas alheias, sempre de lapis engatilhado, a tomar apontamentos na carteira com a sofreguidão e a frequencia de quem toma carapinhadas no mez d'agosto, chega a ser quasi tão massador como ler de fio a pavio um artigo do Miguel Paes, ouvir de uma assentada um discurso do visconde de Arriaga, ou aguentar sem tomar o folego uma *postura* completa dos *calembourgs* que o Mendonça e Costa costuma pescar de orelha por esse mundo de Christo e impingir depois á humanidade como gemmas do seu ovario intellectual.

Foi assim que, resolvendo dar um feriado á nossa carteira e um regabofe ao nosso corpinho, tomámos no ultimo sabbado o caminho de Santa Apolonia, com um grande contentamento de *touriste* no intimo d'alma e algumas *sandwichs* de vitella no sacco de viagem.

A concorrência de viajantes era enorme, de maneira que tivemos de botar a extravagancia de *coupé-leito*, pelo que o nosso corpo deu nove suspiros de satisfação, e a nossa bolsa igual numero de tostões, de supplemento.

No Entroncamento uma opulenta refeição — tanto quanto trinta e dois dentes virgens de buracos e chumbadellas podem mastigar no praso de vinte minutos...

Replecto como um abbade, sorriu-nos logo a ideia d'um somninho bem resonado até á estação d'Aveiro onde tinhamos de apcar.

Para que não succedesse porém que a bondade do somninho se prolongasse alem dos nossos desejos, sollicitámos cortezmente do revisor a graça d'uma sacudidella, d'um beliscão, ou mesmo d'um pontapé, que nos despertasse a tempo e horas.

O revisor preferiu dar-nos o ponta-pé ali mesmo, e, certamente porque seja contrario aos seus habitos operar essa manobra de frente, voltou-nos as costas, respondendo com um laconismo mais secco de que os proprios arenques fumados:

— Não posso!

Como toda a quantidade que passa pelo infinito muda de signal, a sequidão d'aquelle revisor era tanta que elle nos pareceu ensopado... em molho de villão...

Silva se chamava, nos parece, este servidor do leste e norte, e assim deverá ser, pois se nos affigurou mais proprio para deffesa de vallados de que para serviço de linhas ferreas.

Por aquelle systema de voltar as costas a quem se lhe dirige, nem duvidamos até de que os serviços d'esto *Silva* possam com vantagem aproveitar-se em *vallados* de ambos os sexos...

Na segunda feira partiamos para o Porto, onde nos esperava o mais dedicado dos amigos, na gare, e o mais succolento dos biffes, no Suisso.

O Porto, na opinião das pessoas que ha vinte annos o frequentam a meudo, não é propriamente uma cidade: é um caleidoskopio.

Aquillo muda de aspecto quasi todos os dias; quem o viu hontem já amanhã o não reconhece.

Para destruir e construir não ha como os portuenses. Aquillo é vira mão e fia dedo!

Lá passámos, por exemplo, ao pé da capella da Aguardente, que um dia era capella, no outro esteve para ser escola e ao terceiro não era capella nem escola, mas simplesmente um montão de calça!

Até chegamos a suspcitar que a capella da Aguardente entrou em demasia pela sua denominação e foi isso que a fez cair...

Da antiga cidade deram-nos muito no goto aquelles predios com as paredes guarnecidas de telha.

N'essa Invieta que não morre,
Parece que a telha—eu acho—
E' tanta, tanta, que escorre
Pelas paredes abaixo!

Se assim fôra, então p'ra o Porto
Eu passára eternamente,
P'ra ficar, quer vivo ou morto,
No seio da minha gente...

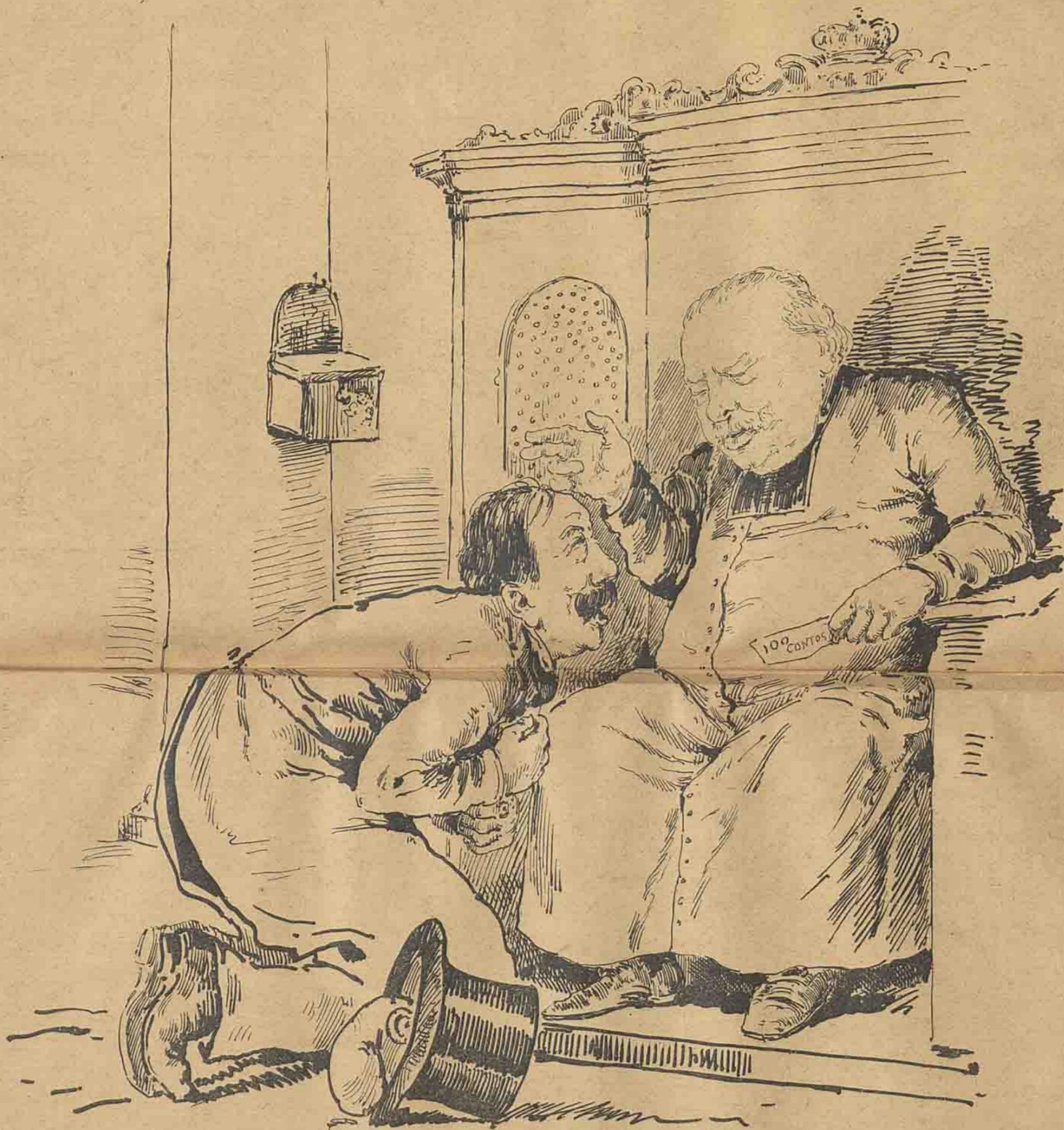


Um documento do muito que podem a iniciativa e a boa vontade dos portuenses, é o Atheneu Commercial, uma associação muito moderna, quasi recém-nascida mas que já caminha desempenada, sem ajuda de cesto, ao passo que, entre nos, tantas outras de idade respeitavel ainda nem sequer conseguiram fazer *tem-tem!*

Ao favor do padre Patricio, que nos apresentou, e á amabilidade da direcção do Atheneu, devemos nós observar de perto os recursos já notaveis d'aquella instituição que, começando por uma sociedade de polkas mazurkas, soube transformar-se n'um valioso centro commercial, artistico e litterario.

Entre nós, as associações de salcifrés transformam-se quando muito em centros politicos: — haja vista ao *Carapau*.

A CONFISSÃO



—*Mea culpa! mea culpa*; Eu peccador, me confesso a vós; sinto que vos offendi, inventando a *albarda*, trazendo a *capa* a lume e ameaçando os pimpolhos com cilícios de tirapé. Hoje arrependido creio em vós todo poderoso...

—Basta de lamuria! Dá cá a esportula da *desarrisca* e podes ir buscar o bilhete da confissão porque estás absolvido...

O Porto, em summa, encantou-nos, tanto pelo seu aspecto como pelos seus enthusiasmos, e, se Portugal seguir o exemplo da França, decretando a lei do desquite, não será para espantar que nós façamos a Lisboa o que Adelina Patti fez ao marquez de Caux, conferindo ao Porto o papel de Nicolini...

PAN-TARANTULA.



Henrique Lopes de Mendonça, vai dar brevemente a estampa as suas duas produções theatraes que o publico de Lisboa tão calorosamente tem applaudido.

A *Noiva e o Duque de Viçeu* constituirão um só volume, onde o leitor poderá mais detidamente apreciar todos os mil rendilhados litterarios com tanta profusão debuxados n'essas duas obras primas do lauriado poeta e dramaturgo.

Aguardamos anciosos a promettida publicação.



Rabelais publicou recentemente um volume de contos intitulado *Volupias* e de que naturalmente já não resta um só exemplar, se dermos creditos ás opiniões que por ahí correm sobre o estado do paladar da maioria dos leitores...

As *Volupias*, por isso mesmo que são de molde a não as recommendarmos a meninas solteiras, devem necessariamente a estas horas ter um logarsinho reservado nas estantes de todos os machos solteiros casados e viuvos.

EMFIM!

Afinal—nem posso crei-o!—
Foi a coisa resolvida!
Vão ficar nuas em pello
As estatuas da Avenida!

Da Liberdade no sitio,
Era tempo, na verdade,
Vão emfim—Jove permite-o—
Respirar em liberdade!

Descobrimo-as membro a membro,
Co'a honestidade precisa,
A 1.º de dezembro
E' quem lhes tira a camisa.

N'este ponto, francamente,
Não concordo bem com isso,
Que ha alguém mais competente
P'ra fazer um tal serviço.

Se o meu voto fora ouvido,
Quanto a mim esse trabalho
Devera ser commettido
Ao Cyrillo de Carvalho.

Tem as condições precisas,
Nem talhado de encommenda...
—Quem melhor tira camisas
Que um ministro da fazenda?

PAN-TARANTULA.

CASOS, TYPOS E COSTUMES

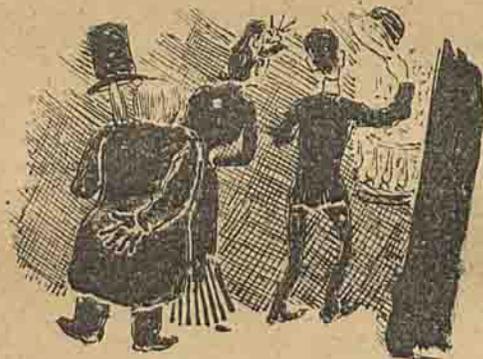
A ALLELUIA

Os devotos, em cardume,
Na costumada fallacia,
Vão correndo a ferir lume,
P'ra assistir, como é costume,
A' alleluia em Santa Engracia.

Entre o povo que esbraveja
Se espesinha e se atropella,
Lá consegue entrar na igreja
Um burguez cõr de cereja,
A mulher e o primo — d'ella.



D. Eufrasia vai na frente;
Atraz, o esposo Thadeu;
Ao lado o primo Vicente.
A igreja, cheia de gente,
Está escura como breu.



Pouco a pouco, em passo lardo,
D. Eufrasia lá se ageita,
Co'o marido, gordo cerdo,
Occupando o lado esquerdo
E o priminho da direita.



Entra o conego Aparicio
—Um odre cõr de carmim—
Cessa o rumor, o bulicio,
Dá-se começo ao officio
Que a alleluia tem por fim.

Reparou Thadeu, durante
Todo o officio da alleluia,
Que ao fallar co a esposa amante
Nao lhe achou nunca o semblante
E esbarrou sempre na cuia!...



Mas não fez maior reparo
E pensou co'os seus botões :
—'stá resando a Santo Amaro...
Sendo mulher, não é raro
Ter d'aquellas devoções...

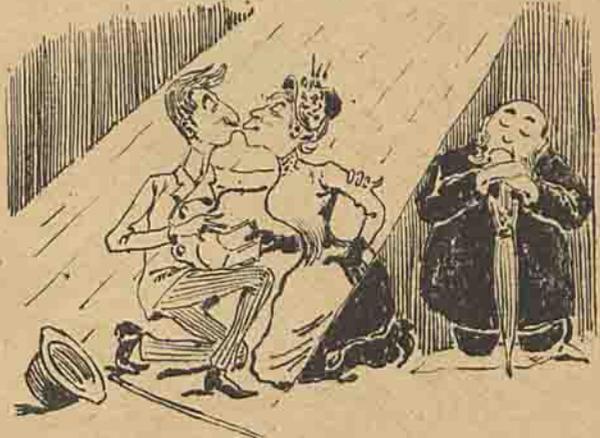


A esposa, effectivamente,
Em taes devoções se exalta,
A resar ardentemente,
Que uma vez, inconsciente,
Té suspirou em voz alta!...



Passados tres quartos d'hora
A alleluia chega ao cabo ;
Quem passa escuta lá fóra
Dos sinos a voz sonora
Tocando como o diabo.

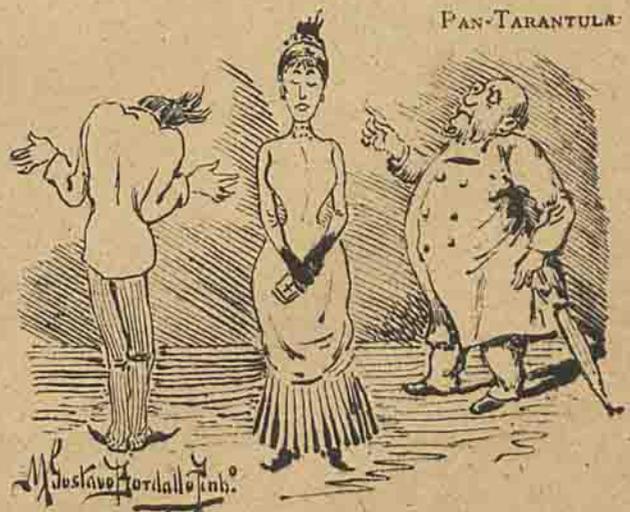
Lá dentro, os jorros de luz,
Da egreja entrando no cimo,
Illuminam tudo a flux,
E Thadeu vê—lh! Jesus!—
A mulher beijando o primo!!!



Ambos co'os olhos cerrados
Não deram p'la mutação :
E, tres minutos passados,
Inda estavam consagrado ;
Corpo e alma, á devoção !



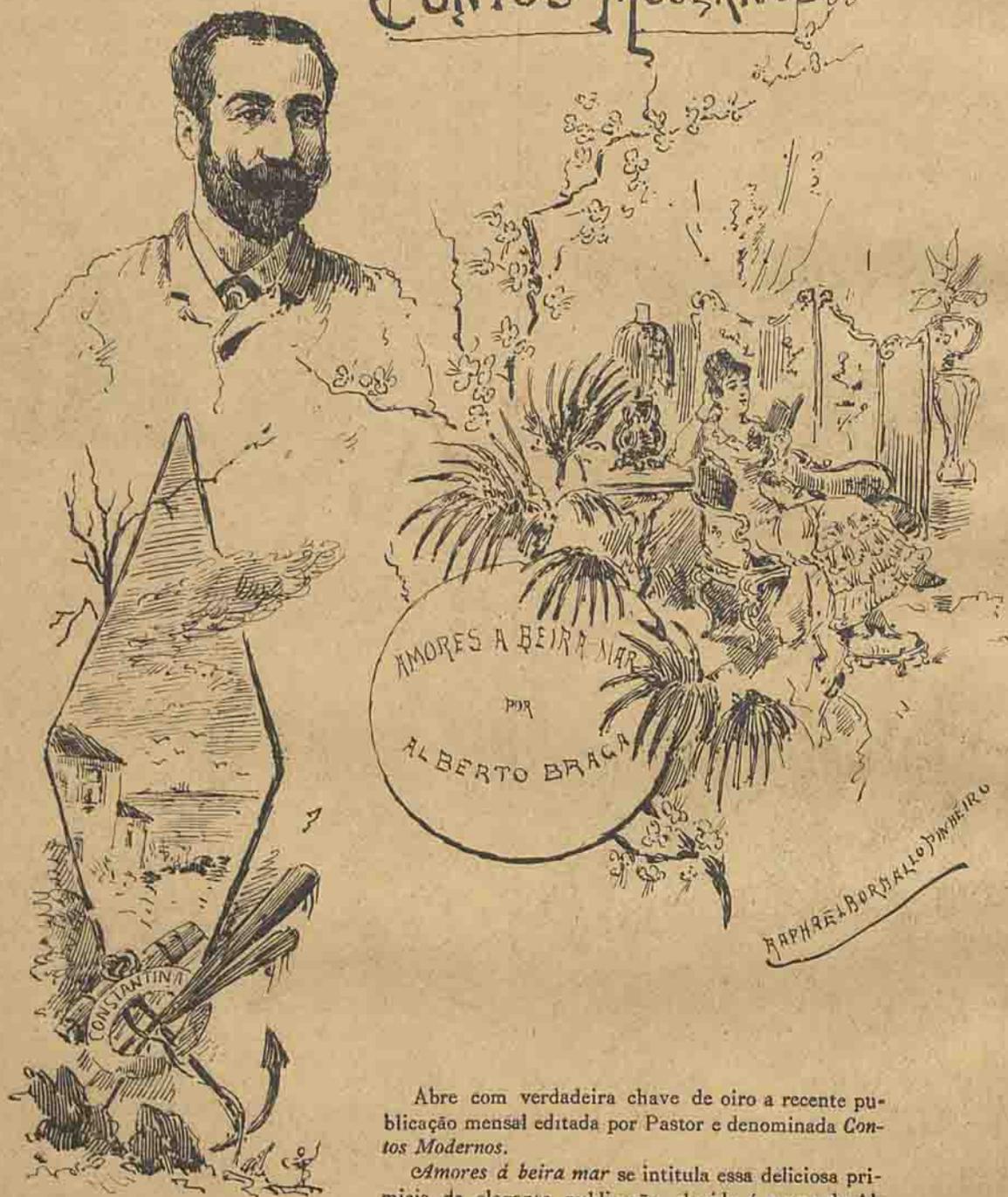
Thadeu, então, estrugiu,
Emquanto de odios se abraza :
—A' egreja não volta ! ouviu ?!
Devoções d'esse feitio,
Quem n'as tem... fal-as em casa !



PAN-TARANTULA

M. Gustavo Torralba

CONTOS MODERNOS



Abre com verdadeira chave de ouro a recente publicação mensal editada por Pastor e denominada *Contos Modernos*.

Amores á beira mar se intitula essa deliciosa primícia da elegante publicação, devida á penna de Alberto Braga, um escriptor mimosissimo que o leitor decerto conhece das columnas das *Novidades* gentilmente salpicadas com as brilhantes composições d'aquelle sympatico rapaz.

Felicitemos Pastor pela edição d'esse precioso livrinho, incluindo em a nossa felicitação quantos apreciam as boas produções litterarias e o bom gosto artistico.